

**Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM**

**Destaque: (em negrito) Matérias que citam o Ministro Bento
Albuquerque ou o MME:**

Sumário

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo.....	2
Título: Energia em questão.....	2
Título: Tsunami	2
VEÍCULO: O Globo	4
Título: Light e Enel: queixas na velocidade da luz.....	4
Título: Nos EUA, Bolsonaro visita opositor de Trump	6
Título: Em crise, Pemex se torna fator de alto risco à estabilidade do México	9
Título: A vale vai levar	10
VEÍCULO: Correio Braziliense.....	11
Título: Caminhoneiros ameaçam greve	11

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Data:** 12/05/2019**Seção:** Colunas**Autor:** Sonia Racy**Título:** Energia em questão**Direto da fonte**

Depois de uma década tramitando no STF, a ADI 4281 está sendo levada à pauta por Alexandre de Moraes – que tinha pedido vista do processo. É briga de bom tamanho. Nela os distribuidores de energia elétrica em SP questionam decreto estadual que lhes atribui a responsabilidade de pagar o ICMS pela venda dos megawatts a grandes operadores no Estado – como indústrias e shoppings. O "x" do problema: quando o fornecedor da energia é de outro Estado, o governo paulista só pode cobrar... da distribuidora, que a leva essa até "a porta de casa" dos grandes consumidores. Quem só distribui entende que pagar o ICMS parece ilegal. Ellen Gracie e Cármen Lúcia já deram seus votos... contra o governo paulista.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Data:** 12/05/2019**Seção:** Colunas**Autor:** Eliane Cantanhêde**Título:** Tsunami

Está cada vez mais claro que os alvos do presidente Jair Bolsonaro são ditados por ideologia, numa guerra santa contra "esquerdopatas", reais ou imaginários, em áreas estratégicas do País. De um lado, escancara a posse e o porte de armas. De outro, atira em universidades, pesquisas, área de Humanas, ambiente, ONGs e conselhos. Ao reagir ao tal Olavo de Carvalho, o ex-comandante do Exército Eduardo Villas Bôas disse que, "substituindo uma ideologia pela outra, (ele) não contribui para (...) a solução concreta dos problemas brasileiros".

Perfeito. Nota mil. Pois o presidente Bolsonaro governa como se não houvesse nada além de direita versus esquerda. Depois de tantos anos sujeito aos erros da esquerda, o Brasil está à mercê dos erros da direita. Depois de partir para cima das universidades, onde jovens continuam sendo jovens, aqui e em toda a parte, o governo desloca suas metralhadoras, fuzis, revólveres e todos os cartuchos contra o Meio Ambiente, uma das áreas do Brasil com maior prestígio no mundo, pela biodiversidade invejável, pelo rigor das leis, pela credibilidade de especialistas e técnicos.

Desde a campanha, Bolsonaro já demonstra, no mínimo, um desconhecimento e um desdém pela preservação e a sustentabilidade. Seu chanceler, Ernesto Araujo, foi além ao falar ironicamente em "ambientalismo", que seria uma militância a serviço das esquerdas internacionais, junto com Direitos Humanos, por exemplo, para destruir os valores cristãos do Ocidente. Depois, Bolsonaro pensou até em extinguir o ministério. Desistiu, mas escolhendo um ministro praticamente alheio à problemática ambiental, o advogado e administrador Ricardo Salles. E, ao assumir a Presidência, passou a usar o cargo para uma revanche. Em janeiro, o Ibama anulou a multa aplicada ao cidadão Jair Bolsonaro por pescar na Estação Ecológica de Tamoios, em Angra dos Reis (RJ), o que é proibido por lei.

Em março, o fiscal que cumpriu a lei foi exonerado. Na semana passada, a retaliação foi ampliada para a própria Estação de Tamoios, quando o agora presidente, numa "visão progressista", disse que ela "não preserva nada" e defendeu transformá-la na "Cancún brasileira", trazendo bilhões de reais para o turismo. Essas investidas combinam à perfeição com todos os passos do Ministério do Meio Ambiente, que pretende, por exemplo, **liberar leilões de exploração de petróleo no Parque Nacional de Abrolhos (BA), um santuário ecológico admirado em todo o mundo.**

Além de trocar especialistas e técnicos do Ibama e do Instituto Chico Mendes por militares, o ministro também anuncia, como vem noticiando o Estado, que vai promover uma revisão geral das 334 áreas de proteção ambiental do País e abrir a concessão de paraísos como os Lençóis Maranhenses (MA), a Chapada dos Guimarães (MT) e o Parque Nacional de Jericoacoara (CE) à iniciativa privada. Nada contra a iniciativa privada, mas é preciso saber exatamente como e com que objetivos esses tesouros nacionais serão usados. Oito ex-ministros do Meio Ambiente, de diferentes partidos e tendências, estão estupefatos e preocupados. Eles defendem o diálogo e focam no governo, não em Salles. Açam que ele não sabe nada da agenda ambiental federal, estadual e internacional e "age como o ministro da agricultura, da **exploração e da mineração na área ambiental**".

Bolsonaro previu "um tsunami" nesta semana. Não se sabe o que será. O fato é que ele atrai a ira de professores, estudantes, artistas, ambientalistas, a área de direitos humanos e a comunidade internacional. Mas isso é política. O principal é que o meio ambiente não comporta arrependimento. Depois de destruir, é impossível recompor.

VEÍCULO: O Globo**Data: 12/05/2019****Seção: Economia****Autor: BARBARA NOBREGA BRENNO CARVALHO****Título: Light e Enel: queixas na velocidade da luz**

Distribuidoras de energia lideram ranking de processos na Justiça do Rio e já têm mais reclamações no Procon-RJ em 2019 que em todo o ano passado. Quedas de luz e falhas nas contas são principais problemas

Interrupções freqüentes no fornecimento, falhas na emissão e distribuição das contas de luz e outros problemas relacionados ao serviço de energia elétrica alçaram as distribuidoras que atuam no Estado do Rio ao topo da lista de empresas mais processadas pelos consumidores nos últimos 12 meses na Justiça estadual. Light e Enel (antiga Ampla) já ocupam, respectivamente, o primeiro e o terceiro lugar no ranking do Tribunal de Justiça do Rio (TJ-RJ).

As duas também protagonizam uma escalada de reclamações ao Procon-RJ. Só no primeiro trimestre deste ano, a Light somou mais de 50% das reclamações registradas durante todo o ano de 2018: 1.391 contra 2.073. A Enel, por sua vez, já contabiliza mais que o dobro das queixas do ano passado: 266 contra 104.

—Hoje, 10% da força de trabalho do Procon-RJ são para tratar problemas da Light. Em relação à Enel, há muitas reclamações vindas de Macaé e Niterói —diz Cássio Coelho, presidente do Procon-RJ.

Na semana passada, o órgão instaurou um Ato de Investigação contra a Light devido à demora no restabelecimento da energia em diversas áreas do Grande Rio após o temporal de 28 de abril. Há consumidores que dizem ter ficado mais de 52 horas sem luz.

Entre as principais queixas relatadas pelos consumidores, além da falta de energia, estão a não entrega de contas, a mudança de data de vencimento das faturas, a dificuldade de contestação de valores exorbitantes, a cobrança de débitos de clientes anteriores e a cobrança do Termo de Ocorrência e Inspeção Técnica (TOI) junto com a conta de luz.

— Cerca de 30% das ações envolvendo a Light são sobre cobranças indevidas quando há mudança de titularidade da conta. Já há decisão que impede cobrar do novo morador débitos do anterior, mas a empresa não respeita as decisões judiciais —queixa-se Sidney Rosa, subcoordenador do Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça de Tutela Coletiva de Defesa do Consumidor do Ministério Público do Rio.

Moradora de um condomínio no Recreio, na Zona Oeste do Rio, a advogada Márcia Alvarez acumula protocolos e respostas que não esclarecem a alta repentina em sua conta de luz de uma média de R\$ 150 para R\$ 260. Depois de duas revisões que reduziram a menos de um terço o valor da fatura, ela não conseguiu mais que a Light retornasse a cobrança ao seu padrão de consumo.

Segundo a Light, o consumo cobrado na fatura de Márcia está correto.

Carlos Alberto de Oliveira, morador de Niterói, escreveu à "Defesa do Consumidor" se queixando das frequentes interrupções no fornecimento de energia. Em menos de uma semana, conta Oliveira, ele ficou sem luz duas vezes, e por períodos longos que chegaram a mais de 12 horas.

As queixas contra as distribuidoras são tantas que elas viraram alvo de uma CPI na Assembleia Legislativa do Rio (Alerj). Enel e Light têm 30 dias para apresentar respostas aos questionamentos feitos pela comissão, resultado do aumento das reclamações dos consumidores. Os parlamentares que a integram ameaçam até recomendar ao governo federal a cassação das concessões das empresas.

—São muitas reclamações extremamente absurdas, e os funcionários que vieram não têm respostas nem ações objetivas. Estamos dando 30 dias para que esses problemas de falta de energia tenham sido solucionados e para a apresentação de um plano para evitar acidentes e prevenir tragédias naturais. Se isso não ocorrer, vamos recomendar ao governo federal que a concessão seja cassada. Vamos até o fim para que essas empresas respeitem, de fato, os consumidores —afirma a deputada Zeidan Lula (PT-RJ), presidente da CPI da Light/Enel.

A Enel Distribuição Rio informou em nota que tem investido na modernização da rede para a melhoria do seu serviço e que o resultado pode ser visto no avanço dos indicadores de qualidade. Ainda segundo a concessionária, os números do TJ-RJ refletem um aumento no ingresso de ações que discutem furto de energia contra a empresa, em 2018, em consequência da maior efetividade da fiscalização. Por fim, disse que está disponível para prestar esclarecimentos à CPI da Alerj.

A Light ressalta que a intensificação das ações de combate ao furto de energia, a partir de 2016, "gerou um aumento na insatisfação do cliente e, consequentemente, uma procura maior do consumidor aos órgãos de defesa do consumidor". Em relação à reclamação por interrupção do fornecimento de energia, a empresa alega que 20% de seus clientes estão em áreas de risco. E afirma ter registrado um pico de 10% de seus clientes sem energia no dia do temporal, mas garante que, às 8h do dia 29,96% desses clientes já tinham luz,

restando os que classifica como "clientes isolados" ou "individuais". A empresa diz ainda que prestará os esclarecimentos pedidos pela CPI no prazo.

ANEEL DIZ FISCALIZAR

Já sobre as contestações de valores da fatura, a Light explica que o cliente pode acompanhar o seu histórico de consumo no site ou solicitá-lo à empresa. A companhia admite problemas com o novo sistema de emissão da conta de energia, implantado em setembro do ano passado, o que contribuiu para o aumento das reclamações, mas diz que implementou melhorias que poderão ser percebidas até o fim deste ano.

Procurada para comentar sobre a situação das concessionárias de energia do Rio, a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) disse realizar fiscalizações periódicas e que, quando há ocorrências numa determinada área, é aberta fiscalização pontual para apurar os incidentes e que, constatada falha de planejamento, operação ou manutenção, as penalidades vão de advertência a multa de até 2% do faturamento anual da empresa, além da exigência das correções para sanar o problema. A agência não informou, no entanto, se há algum processo de fiscalização ou sanção contra as duas concessionárias em curso no órgão regulador.

VEÍCULO: O Globo

Data: 12/05/2019

Seção: Mundo

Autor: HENRIQUE GOMES BATISTA/ SÃO PAULO

Título: Nos EUA, Bolsonaro visita opositor de Trump

Encontro com o ex-presidente George W. Bush, em Dallas, tende a ser o ponto alto da visita marcada pela polêmica dos protestos em Nova York, que fizeram o presidente desistir de ir para a maior cidade americana

Quando pousar em Dallas, na manhã de quarta-feira, em sua quinta viagem internacional, o presidente Jair Bolsonaro terá pela frente dois dias com uma agenda ainda incerta, cujo ponto alto até agora pode lhe trazer resultados dúbios: um encontro com o ex-presidente George W. Bush.

Se, no Brasil, o republicano que esteve à frente dos Estados Unidos nos ataques do 11 de Setembro, na guerra contra o terror e na crise do Lehman Brothers é, para muitos, um exemplo de conservador, nos EUA é uma das mais potentes vozes opositoras ao presidente Donald Trump.

Como Bolsonaro não esconde que pretende ter uma relação especial com o atual inquilino na Casa Branca — inclusive tendo dito, ao seu lado, em março,

que confia em sua reeleição em 2020 — marcar uma agenda com um de seus arquirrivals pode azedar as relações.

— Não acredito que Trump vá mudar imediatamente sua relação com Bolsonaro, até pelo fato de o Brasil, atualmente, não estar no radar do americano. Mas não podemos esquecer que ele leva todos os temas para o lado pessoal e tende a ser rancoroso — afirma Oliver Stuenkel, professor-ad-junto de Relações Internacionais na Fundação Getulio Vargas (FGV).

Ele diz que o presidente brasileiro precisa adotar cautela nesta viagem. A família Bush nunca escondeu problemas com Trump. O ex-presidente George H. W. Bush, que morreu em novembro aos 94 anos, admitiu que, em 2016, votou na democrata Hillary Clinton.

Seu filho, o também ex-presidente George W. Bush, disse ter votado em branco. O irmão dele, Jeb Bush, ex-governador da Flórida, enfrentou Trump nas primárias republicanas, quando foi, por diversas vezes, ridicularizado pelo atual presidente americano. Esta postura da família levou a uma aproximação do clã Obama, em especial de Michelle, que ganhou do ex-presidente um doce durante o funeral de Bush pai, em dezembro.

— O conservadorismo é dividido nos Estados Unidos. Trump é a vertente de sua ala mais populista, enquanto o ex-estrategista Steve Bannon, também próximo de Bolsonaro, é da ala mais radical. O clã Bush representa a corrente tradicional, que está em queda — diz Stuenkel.

Guilherme Casarões, professor da FGV nas áreas de Administração Pública, Ciência Política e Relações Internacionais, afirma que este contato com os Bush não será útil a Bolsonaro se o objetivo for criar mais canais com a cúpula conservadora do governo americano:

— Do ponto de vista político, esta viagem de Bolsonaro não tem grande relevância. Da mesma forma, economicamente, os encontros com empresários não se justificam. Poderiam ocorrer até no Brasil. Assim, esta viagem tem um forte conteúdo simbólico, voltado mais para a base do eleitorado de Bolsonaro, que tem um certo fascínio pelos Estados Unidos, que representam parte da idealização deste grupo — afirma.

MUDANÇA APÓS PROTESTOS

O motivo oficial para a segunda volta de Bolsonaro aos Estados Unidos é sua participação no jantar em que receberá o título de "Personalidade do Ano" da Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos.

Originalmente marcado para Nova York, o evento foi transferido depois de uma série de protestos contra a presença do brasileiro, que chegou a cancelar sua participação, até a mudança para Dallas. O prefeito nova-iorquino, Bill de Blasio, criticou a premiação e disse que o presidente não seria bem recebido na maior cidade americana. Também houve promessas de protestos, cancelamento de locais e desistência de patrocinadores do jantar.

Bolsonaro chamou de Blasio de "radical" na quinta-feira, e foi apoiado pelo vice-presidente Hamilton Mourão, e pelo presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia. Ontem, o prefeito de NY voltou a se manifestar, dizendo que o brasileiro era "homofóbico com orgulho".

—Se eu não posso ser bem recebido em Nova York, seremos no Texas —disse, na manhã de quinta-feira. — Eu não poderia comparecer numa cidade onde o chefe do Executivo, o prefeito, no caso, se comportava como um radical, promovendo e se preparando para fazer manifestações, as piores possíveis contra a minha presença.

A viagem ao Texas foi resolvida em tempo recorde, e diplomatas vêm trabalhando contra o relógio para garantir o sucesso da agenda. Não se sabe quais avanços serão obtidos na quinta viagem internacional do presidente, política e economicamente.

Grandes empresários do setor de petróleo, base da economia texana e que têm grande interesse no Brasil, nem sequer sabiam, na noite de sexta-feira, dos eventos corretos.

Da mesma forma, não estava fechada a lista de ministros da caravana presidencial. Os nomes mais cotados eram os de Paulo Guedes (Economia), Ernesto Araújo (Relações Exteriores) e **Bento Costa Lima (Minas e energia)**, além do presidente da Petrobras, Roberto Castello Branco.

Para Casarões, a estratégia de fazer viagens pensando no público interno já havia ocorrido, de certa maneira, na ida a Davos, Suíça, para o Fórum Econômico Mundial, e na passagem de Bolsonaro por Israel.

Lá, apesar de haver uma proposta de relações externas, também havia a necessidade de compartilhar na base bolsonarista a foto do presidente no Muro das Lamentações ao lado do premier Benjamin Netanyahu.

Para Casarões, o fato de o presidente estar realizando a segunda viagem aos Estados Unidos sem sequer ter pisado no Nordeste do Brasil desde janeiro também é significativo.

Além do encontro com George W. Bush e do almoço com empresários no World Affairs Councils, de Dallas, Bolsonaro receberá algum tipo de titulação da Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos — que manteve os planos do jantar de gala em Nova York, sem o presidente. Bolsonaro ainda deverá prestar homenagem a John Kennedy, presidente americano assassinado na cidade.

PRIMEIRA-DAMA VAI

Embora alguns grupos tentem mobilização contra Bolsonaro, em especial defensores dos direitos LGBT, os protestos tendem a ser em número muito menor do que os previstos para Nova York. Ao contrário de Blasio, seu colega de partido que controla Nova York, o prefeito de Dallas, Mike Rawlings, afirma que não vai protestar contra a visita:

"Eu discordo fortemente de algumas das opiniões declaradas do Presidente Bolsonaro. No entanto, tenho grande respeito pelo povo do Brasil e não vou me envolver em uma luta política pública com nenhum líder eleito democraticamente", afirmou o prefeito, em nota.

Assim, o ambiente festivo deverá prevalecer, inclusive na comitiva presidencial: ao contrário do que ocorreu na viagem de março, a primeira-dama, Michelle, acompanhará o marido ao Texas.

VEÍCULO: O Globo

Data: 12/05/2019

Seção: Editorial

Autor:

Título: Em crise, Pemex se torna fator de alto risco à estabilidade do México

Petroleira, que possui dívida superior a US\$ 100 bilhões, reduziu em 28% a sua produção

Andrés Manuel López Obrador completou cinco meses à frente do governo do México à procura de solução para um grave problema: a estatal Pemex, maior empresa mexicana e principal contribuinte do Tesouro, se tornou um fator de alto risco para a estabilidade econômica do país.

A Pemex possui uma dívida superior a US\$ 100 bilhões e reduziu em 28% a sua produção de petróleo. Há seis anos, era de 2,5 milhões de barris diários, agora tenta evitar o declínio além de 1,6 milhão de barris/dia.

Os títulos da empresa estão com classificação equivalente a um degrau acima do patamar que operadores do mercado de capitais consideram "lixo". Se

qualquer agência de avaliação de risco resolver rebaixá-los, o movimento pode acabar deixando o México exposto a turbulências financeiras.

O presidente reagiu. Anunciou o fim do processo de endividamento crescente e prometeu subsídios fiscais de até US\$ 750 milhões aos fornecedores que renegociarem contratos até meados do próximo ano. Nos próximos 36 meses, a empresa precisa pagar dívidas de cerca de US\$ 35 bilhões. Mantida a situação atual, no melhor cenário López Obrador passaria a primeira metade do seu mandato gerenciando o guichê de pagamentos da Pemex. O Fundo Monetário Internacional ressalta que, até aqui, têm sido frágeis os resultados dos esforços para resgatar a Pemex.

O drama da petroleira mexicana é como resolver a equação financeira do vencimento de débitos e os investimentos necessários para recuperar sua capacidade de produção e de refino de petróleo, estimados em US\$ 23 bilhões na média do últimos seis anos. Esse valor equivale a 26% das receitas e é praticamente igual ao que ela aporta anualmente ao Tesouro do México, sob a forma de tributos.

Monopolista no mercado mexicano de petróleo, a empresa estatal necessita desesperadamente de capital. A única alternativa disponível ao governo, no momento, é o investimento privado, mas o presidente reluta, mantendo-se fiel à proposta nacionalista e estatizante com que conduziu a sua vitoriosa campanha eleitoral.

Outro problema, indicam empresas de análise como a Torino Capital, é a indisposição e até preconceito do presidente com a burocracia da empresa. López Obrador decidiu colocar políticos aliados, sem experiência setorial, no controle de áreas-chave da Pemex. Se examinar a experiência recente em um país vizinho do Sul, talvez chegue à conclusão de que o intervencionismo não é o melhor caminho. Lições do caso Petrobras podem lhe ser úteis na tentativa de salvação da Pemex.

VEÍCULO: O Globo

Data: 12/05/2019

Seção: Colunas

Autor:

Título: A vale vai levar

Lauro Jardim

ECONOMIA

O Cade vai aprovar a venda da mineradora Ferrous para a Vale, um negócio de US\$ 550 milhões fechado em dezembro, mas desde então à espera de autorização para ser concluído.

Duas concorrentes, Trafigura e CSN, haviam questionado a transação no órgão regulador. Mas a Superintendência-Geral do Cade vai dar o O.K. até o final do mês.

A Ferrous pertence ao financista americano Carl Icahn e também tem minas em, veja só, Brumadinho.

Na berlinda

O novo conselho de administração da Vale vai questionar a decisão tomada pela diretoria há duas semanas de manter o ex-presidente Fabio Schvartsman como diretor estatutário da companhia.

VEÍCULO: Correio Braziliense

Data: 12/05/2019

Seção: Política

Autor: Rodolfo Costa

Título: Caminhoneiros ameaçam greve

O brasileiro deve se preparar, pois alguns transportadores autônomos em todo o país estão com paralisação prevista para a madrugada de amanhã. A pauta prioritária defendida pelos caminhoneiros é a redução do preço do óleo diesel. A promessa é bloquear estradas no país por tempo indeterminado. O argumento é de abandonar as rodovias apenas quando o governo chamá-los para conversar e negociar.

A ameaça de greve é feita pelas bases da categoria, entre o “baixo clero”, afirmam lideranças do Comando Nacional do Transporte, um grupo de WhatsApp que reúne duas centenas de representantes da categoria. A estimativa é de que cerca de 15% dos líderes do grupo apoiem a paralisação. O restante defende as fiscalizações do piso mínimo de frete e do cumprimento da jornada de trabalho. O argumento dos que não defendem a greve neste momento é de que o preço do óleo diesel não seria um problema se a remuneração fosse alta o suficiente para acomodar o custo do combustível.

A proposta da maioria de líderes contrários à greve era fazer apenas um dia de protesto em 19 de maio. Um ato alusivo à comemoração de um ano da greve de 2018, iniciada em 21 de maio. A ideia era levar os caminhões ao Estádio Mané Garrincha e, de lá, organizar uma carreta na Esplanada dos Ministérios, como

aconteceu na paralisação em 2015, no governo de Dilma Rousseff. A possibilidade de greve coloca o ato desses líderes em risco, uma vez que a base se articula em grupos próprios.

O Correio vem acompanhando cinco grupos de WhatsApp em que caminhoneiros se organizam para a greve. Nos cinco grupos, há motoristas de todas as regiões do país. Algumas não são caminhoneiros. Dizem apenas ser apoiadores da causa. A ameaça é monitorada pelo governo. O Gabinete de Segurança Institucional (GSI) da Presidência da República acompanha os movimentos nas redes sociais e em aplicativos de mensagem instantânea. O Planalto tem feito esforços para minar toda e qualquer paralisação, com diálogo aberto com líderes. Mas essa intimidação específica, com uma pauta que não estava no radar do governo, mobilizou a inteligência do governo a acompanhar mais de perto.

MME / ASCOM .